

## **A FILOSOFIA DA MENTE DE JOHN SEARLE**

*João Francisco de Brito Mendes (Bolsista ICV/CNPq),*

*José Sérgio Duarte da Fonseca (Orientador, Departamento de Filosofia. DEFI/UFPI)*

### **Introdução**

A filosofia da mente vem colocando questões centrais, tais como: O que é o mental? O que é o pensamento? O que é consciência? É o cérebro que produz a mente? Mas o principal problema abordado pelos filósofos que estudam tal ramo da filosofia é a relação mente-cérebro.

É fato que a mente é um mistério, e saber o que realmente ela é, tem sido uma busca incessante de muitos estudiosos durante um extenso período de tempo da história da humanidade. Contemporaneamente discute-se sobretudo, com o avanço dos programas de pesquisa advindos da Inteligência Artificial e a possibilidade de inserção dos estudos sobre a mente consciente no campo do saber científico.

Até que ponto poderíamos fornecer uma explicação científica para o domínio dos estados mentais?

A pesquisa tem como objetivo apresentar a proposta de John Searle de produção de um tipo de naturalismo não reduutivo por meio da perspectiva biológica da mente, mantendo a tese de que o acesso aos estados mentais só é possível somente em primeira pessoa. A perspectiva pressupõe que o estudo da mente e da consciência deverá estar ancorado na perspectiva de terceira pessoa não pode ser descrita nos termos objetivos da ciência, pois devido ao fato de termos acesso a ela somente em primeira pessoa.

Searle critica particularmente a perspectiva funcionalista, por exemplo a de Dennett, que se caracteriza por uma analogia básica da mente humana com os processos computacionais de um computador, de modo que a mente seria um dispositivo capaz de realizar tipos particulares de operações formais, o que seria o mesmo que dizer que o nosso cérebro é um hardware possível dentre outros, sobre o qual é executado o nosso software mental. Se, se esta analogia estiver correta, então não deveria haver um grande mistério quanto à maneira como as mentes e os corpos se relacionam.

Searle, assim como Dennett, é um naturalista mas, no entanto não concorda com o funcionalismo dennetiano, defendendo uma visão exclusivamente biológica da mente.

A pesquisa visa apresentar a proposta de John Searle de produção de um tipo de naturalismo não reduutivo por meio da perspectiva biológica da mente.

### **Metodologia**

A metodologia utilizada foi à leitura crítica dos textos selecionados na bibliografia que dizem respeito ao tema, bem como a análise de textos, resenhas, revistas e artigos para dar cumprimento ao seguinte plano de pesquisa: 1. Compreender a teoria da mente proposta por Searle; 2. Compreender as críticas de Searle ao funcionalismo, a partir do exame do argumento da sala Chinesa.

### **Resultados e Discussão**

Para Searle a teoria funcionalista de Dennett reflete uma espécie de “patologia intelectual”, que tem a audácia de questionar a existência dos *qualia* (caráter qualitativo, isto é, a presença de qualidades fenomenais), que são imediatamente revelados do ponto de vista da primeira pessoa.

Searle afirma que o acesso aos estados de consciência do sujeito é privado, o sujeito nunca poderá estar errado no que diz respeito a seu estado de consciência em que se encontra, pois somente o mesmo pode acessá-los.

As duas principais características da mente são a consciência e a intencionalidade. A propriedade da mente humana responsável por representar objetos e coisas do mundo se denomina intencionalidade. O caráter intencional dos estados mentais significa que tais estados representam objetos e estados no mundo e assim dando uma capacidade do homem de lidar com o mundo.

Searle afirma que a intencionalidade é intrínseca aos sujeitos, e isto implica que a mesma é inerente à biologia dos seres humanos. São exemplos de estados intencionais da consciência o sentir fome, sentir sede, percepções, crenças intencões, lembranças, etc. Searle advoga, assim, um tipo de naturalismo não-reduutivo.

### **Conclusão**

A partir das leituras feitas da abordagem filosófica apresentada por John Searle, como de outras leituras adicionais sobre o mesmo assunto, concluiu-se que devemos conceber a consciência como uma propriedade irreduzivelmente subjetiva, não analisável, não relacional. Sendo assim, os estados mentais são privados, com acesso privilegiado a primeira pessoa. Não é possível fazer uma descrição em terceira pessoa da consciência, tal como Dennet gostaria.

### **Referências**

**CHUCHLAND**, Paul. *Matéria e consciência. Uma introdução à filosofia da mente*. São Paulo: Unesp, 1988.

**SEARLE**, John. *O mistério da consciência*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

**SEARLE**, John. *A redescoberta da consciência*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

**SEARLE**, John. *Mente, cérebro e ciência*. Lisboa: Edições 70, 1989.

**Palavras-chave:** Filosofia da Mente. Funcionalismo. Argumento do Quarto Chinês.